

Entrevista com Fábio Konder Comparato: A formação da Ética da Humanidade e os caminhos para o Estado Mundial

*Interview with Fábio Konder Comparato: the formation of the
Humanity's Ethic and the paths towards the World State*

*Entrevista com Fábio Konder Comparato: La formación de la
Ética de la Humanidad y los caminos para el Estado Mundial*

*Daniel Bertolucci Torres**

*Rodrigo Marchioli***

*Ana Ceres Timóteo****

RESUMO

Esta entrevista apresenta algumas reflexões de Fábio Konder Comparato, professor, jurista, autor e pesquisador que, em suas obras, tratou de diversos elementos relacionados ao Estado Mundial. A partir da abordagem sobre direitos humanos, é possível transitar pelo pensamento do Professor Comparato tendo em vista as lentes paradireitológicas quanto à concretização da sociedade política mundial. Com base em argumentos histórico-sociais, políticos, jurídicos, econômicos, e, principalmente, éticos, o autor se aproxima da proposta paradireitológica quando recomenda a quebra de paradigmas e a superação de desafios atuais da humanidade em se efetivando os direitos humanos. Ao considerar a perspectiva da formação ética e moral do ser humano, a reflexão é rica em questionamentos e pontos de vista sobre a condição humana atual e quanto aos caminhos para a materialização de uma sociedade política única no âmbito do Estado Mundial.

Palavras-chave: Crise do Capitalismo. Direitos Humanos. Estado Mundial. Sociedade Política Global.

*Natural de São Paulo-SP. Graduado em Direito e em teatro. Mestrando em Direitos Humanos. Voluntário da Juriscons - Associação Internacional da Paradireitologia. E-mail: daniel@bertolucci.com.br

**Natural de Santos-SP. Graduado em Direito. Mestre em Direitos Humanos. Especialista em mediação e arbitragem. Voluntário da Juriscons - Associação Internacional da Paradireitologia. E-mail: rodrigo@marchioliminias.adv.br

***Natural de Serra Talhada-PE. Graduada em Direito. Gestora pública. Voluntária do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC) e da Juriscons - Associação Internacional da Paradireitologia. E-mail:ceres_timoteo@hotmail.com

ABSTRACT

This interview presents some reflections made by Fábio Konder Comparato, professor, jurist, author and researcher that, in his work, brings different elements related to the World State. From the point of view of human rights, it is possible to transit throughout the reflections of Professor Comparato by keeping in mind what paralawologic is for the fulfillment of the world's political society. Taking into account an historical, social, political, legal, economical, and, manly, ethical arguments, the author draws near the proposal of Paralawology, when he recommends paradigms breaks and the overcoming of present human challenges regarding the effectiveness of human rights. Whereas considering the ethical and moral formation of the human being, the reflection is rich in questions and points of view about the contemporary human condition and the ways towards the materialization of a unique political society within the World State's sphere.

Keywords: Crisis of Capitalism. Global Political Society. Human rights. World State.

RESUMEN

En esta entrevista se presentan algunas reflexiones hechas por Fábio Konder Comparato, profesor, jurista, escritor e investigador que, en su trabajo, hace referencia a los diferentes elementos relacionados con el Estado Mundial. A partir del abordaje a los derechos humanos, es posible transitar por el pensamiento del profesor Comparato a través de la lente de la Paraderechologia en lo que respecta a la concreción de la sociedad política del mundo. Sobre la base de los argumentos histórico-sociales, políticos, jurídicos, económicos, y, sobre todo, éticos, el autor se aproxima a la propuesta de la Paraderechologia cuando recomienda romper paradigmas y superar los desafíos actuales de la humanidad, dando efectividad a los derechos humanos. Al considerar el punto de vista de la ética y de la formación moral del ser humano, la reflexión es rica en cuestionamientos y puntos de vista sobre la condición humana actual y sobre los caminos para la materialización de una sociedad política en el ámbito del Estado Mundial.

Palabras-clave: Crisis del Capitalismo. Derechos Humanos. Estado Mundial. Sociedad Política Global.

INTRODUÇÃO

A escolha do entrevistado para o primeiro número da Revista Estado Mundial justifica-se pela significativa contribuição do Professor Fábio Konder Comparato acerca de Direitos Humanos, Ética e Sociedade Política Global, temas de vanguarda

no Direito, que possibilitam o diálogo com a Paradireitologia e abrem caminho para o Estado Mundial Cosmoético. São temas que o autor trabalhou com afinco na sua produção intelectual, ao mesmo tempo em que atuou de modo importante em ações no Supremo Tribunal Federal, visando a transformações substanciais no modo com que o judiciário também se democratiza e trata os direitos humanos.

Fábio Konder Comparato, advogado e professor, possui graduação em Direito pela Universidade de São Paulo-USP (1959) e doutorado em Direito pela Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) (1963). É Professor Emérito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e durante sua carreira especializou-se em Direito Comercial, Filosofia do Direito, Direitos Humanos e Direito Político. Em 1976 ingressou na docência na USP em regime integral, e lá aposentou-se em 2006. Recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra em 2009.

Foi Professor Titular do Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito, é personalidade atuante no meio jurídico e peça influente no processo de democratização e luta política no Brasil. É um dos fundadores da Escola de Governo, iniciativa privada que tem como missão atuar politicamente para a transformação da sociedade brasileira, na defesa e promoção dos direitos humanos, dos valores republicanos e democráticos, da ética e do desenvolvimento nacional¹.

Defensor dos direitos humanos e da participação política popular, tem dentre seus textos publicados ideias que constituem o tema de estudo desta revista: o Estado Mundial. Em sua obra mais recente, *A Civilização Capitalista*², Comparato finaliza seu estudo com uma instigante reflexão a respeito da civilização humanista, dos seus princípios fundantes e da constituição de uma sociedade política global, mais especificamente. Nos últimos parágrafos dessa obra, trata, expressamente, sobre a concretização do “futuro Estado Mundial”³. Também se destacam em sua produção intelectual os livros: *Ética, Direito, Moral e Religião no mundo moderno*⁴, *A Afirmação História dos Direitos Humanos*⁵ e *Rumo à Justiça*⁶.

Para a realização desta entrevista, o Professor Comparato acolheu os editores da revista Estado Mundial, Daniel Ber-

1 Disponível no site da Escola de Governo em: <<http://escoladegoverno.org.br/sobre?start=1>>. Acesso em: 21 Dez. 2015.

2 COMPARATO, Fábio Konder. *A civilização capitalista para compreender o mundo em que vivemos*. São Paulo, Saraiva, 2013. 312 p.

3 COMPARATO, op. cit., 2013, p. 312.

4 COMPARATO, Fábio Konder. *Ética direito, moral e religião no mundo moderno*. 3. ed. rev. pelo autor. São Paulo, Companhia das Letras, 2011. 718 p.

5 COMPARATO, Fábio Konder. *A afirmação histórica dos direitos humanos*. 8. ed.. São Paulo, Saraiva, 2013

6 COMPARATO, Fábio Konder. *Rumo à Justiça*. São Paulo: Editora Saraiva, 2010. v. 01. 449 p.

tolucci Torres e Rodrigo Marchioli, em sua casa, no mês de agosto de 2015. Respondeu perguntas que tinham como foco apresentar as ideias sobre a constituição do Estado Mundial, tendo em vista os seguintes eixos temáticos: (i) a Ética e a mundialização humanista; (ii) o governo democrático mundial e o sistema político-econômico; (iii) o papel das instituições globais na concretização da sociedade política mundial; (iv) Estado Mundial e utopia e; (v) o projeto da civilização mundial humanista.

De início, o Professor Comparato apresentou um ponto de vista histórico, por isso prontificou-se a falar brevemente sobre a constituição da sociedade global, quando povos antigos tomaram ciência da existência uns dos outros. Nesse encontro, surgiu um dos problemas centrais vivenciados desde a época antiga até os dias de hoje, o da fé individual, sectária, em contrapartida à necessidade de estabelecimento de um núcleo ético único, identificado nas religiões do mundo antigo pelas duas regras de ouro: não fazer aos outros o que não queremos que eles nos façam e fazer o bem a todos, amigos e mesmo inimigos. Segundo o Professor Comparato é a partir dessas duas regras que o ser humano e a sociedade evoluem até o florescimento dos direitos humanos.

Mais adiante, as ideias sobre a “revolução” necessária para a constituição do Estado Mundial começam a ser discutidas, momento no qual o Professor Comparato salienta curioso ponto de vista de que a *revolução humanista*, encabeçada pela crise do sistema capitalista, já está em vias de ocorrer. Constatar esse fato é o mesmo que admitir que a humanidade caminha inevitavelmente para uma mudança de paradigma, quando o ser humano, e não o capital ou a geração de lucros, torna-se o núcleo de todas as atividades da sociedade e dos indivíduos.

Daí para o final, a reflexão voltou-se aos princípios da civilização humanista, os quais, a partir de casos vividos pelo Professor Comparato, podem ser bem exemplificados tendo em vista as limitações de todo o sistema jurídico-político-econômico atual. Nesse sentido, finaliza com comentários sobre o problema do dinheiro e da crise do capitalismo, apresentando evidências de falência no momento atual da economia global, na qual papéis fictícios assumem função de maior importância e destaque do que o produto manufaturado, que é concreto e útil para

a sociedade.

A revista Estado Mundial, seus editores e leitores têm muito a agradecer pela estimulante reflexão provida pelas ideias do Professor Comparato; espera-se que essa parceria seja capaz de gerar alguma mudança, em âmbito individual ou coletivo, rumo à construção do Estado Mundial.

A ENTREVISTA

Editores EM:

Não houve pergunta inicial, foi decisão do entrevistado partir de uma abordagem histórica da formação da sociedade humana.

Professor Fábio Konder Comparato:

– A abertura dos diferentes povos antigos, uns para os outros, no sentido de respeitarem os outros povos como iguais e, por conseguinte, os outros indivíduos que não pertenciam àquele mesmo povo como iguais, ocorreu em um período histórico que um grande historiador alemão chamou de período axial, e que ocorreu entre os séculos, grosso modo, VIII e II a.C. Por que? Porque foi nessa época em diferentes regiões do mundo, que vários sábios que nunca se conhecerem tiveram a mesma iluminação, por exemplo: Zoroastro na Pérsia; os profetas de Israel, a partir do século VIII [a.e.c.]⁷; Confúcio na China; o Buda na Índia; e os grandes filósofos gregos, em um período mais recente, a partir do século V [a.e.c.]⁸. E todos eles chegaram, cada um por sua via, a partir da sua própria iluminação, a conceber eticamente, aquilo que depois se denominou, de modo convencional as duas regras de ouro:

A primeira: Não fazer aos outros o que não queremos que eles nos façam;

A segunda: Fazer o bem a todos, amigos e mesmo inimigos.

E essas duas regras de ouro estão justamente na origem dos direitos humanos. Eu, no artigo que fiz em homenagem ao Paulo Bonavides, dou um resumo histórico dessa evolução. Logo após, a partir do século II, houve vários obstáculos ao desenvolvimento dessas ideias, por exemplo, o Cristianismo, que se origina do Judaísmo, e o Islamismo, que se origina de ambos – Judaísmo e Cristianismo -, ambos assumiram a ideia da

7 Acréscimo do editor.

8 Acréscimo do editor.

dignidade de todos os seres humanos, que foram criados por Deus. Então, a partir daí, tomou corpo aquela convicção, ou se quiserem utilizar o termo que preferem, a “consciência” antiga de que cada povo é profundamente diferente um do outro. Aliás, uma tendência comum no mundo antigo era considerar os estrangeiros como inimigos. O que se verificava na época era predominância daquela tendência típica dos primatas superiores, de considerar que os homens, os seres humanos, viviam em bandos gregários, mas não em sociedades, e, portanto, quando encontravam um bando diferente, eles tinham aquela reação instintiva de se defenderem, porque achavam que poderiam ser mortos pelos outros.

Isto como vocês sabem é uma reação que tem como fonte a zona límbica do cérebro humano, ou seja, a parte mais antiga do cérebro, que é comum entre os primatas superiores e os seres humanos. Nos seres humanos, o cérebro tem todo o córtex, que é uma camada superior e o córtex é a sede da razão, da previsão, do planejamento, que interfere em toda zona límbica, fonte das emoções, das sensações, das paixões, dos instintos.

Interfere para o bem e para o mal, porque assim como a razão limita e corrige o excesso dos instintos e das emoções, pode também impulsionar as emoções racionalmente, é o que nós vemos em todos os movimentos terroristas modernos. O nazismo procurou racionalizar o ódio antisemita. Hoje os islamitas radicais fazem justamente isso, pegam as verdades que estão no Corão e racionalizam num sentido único, unilateral, ou seja, é preciso deflagrar a guerra santa contra todos aqueles que não são islamistas, porque são inimigos de Alá.

Editores EM:

– Nessa questão da religião, como forma de gregarismo, religião fanática, unilateral, como entendimento que as pessoas têm dos seus textos particulares, como você vê, dentro da questão da transposição das fronteiras e na concretização da paz, a construção do Estado Mundial, em que os seres humanos possam expressar-se nas diversidades, diferenças, com valores diferentes?

Professor Fábio Konder Comparato:

– A pergunta é muito importante, porque nas religiões anti-

gas, politeístas, não havia propriamente um repúdio de outras religiões, mas simplesmente, apego aos seus deuses, porque eram deuses próprios daquele povo, e essa ausência de repúdio – mesmo o contrário, ou seja, a acolhida fácil, amigável de outros credos religiosos, de outros deuses – verificou-se, por exemplo, na Grécia Clássica. É conhecida a passagem dos Atos dos Apóstolos em que Paulo vai pregar o Cristianismo (que é na verdade uma religião que ele moldou, não foi Jesus quem moldou o Cristianismo, Jesus é um modelo, mas quem construiu a dogmática cristã foi Paulo de Tarso). Paulo vai para Atenas para pregar as regras da fé cristã. Na Ágora, Praça de Atenas, reuniam-se todas as pessoas de qualquer classe social, desde estrangeiros e, portanto, de diferentes religiões. Quando Paulo estava pregando em pequenos círculos, um dos presentes disse “eu acho que você deveria falar disso para todo povo, então, por favor, suba aí na tribuna e fale”. Então ele subiu e a primeira coisa que disse foi: “cidadãos atenienses, vejo que vocês adoram muitos deuses, porque eu vi nessa cidade vários altares de deuses diferentes. Pois bem, o que eu venho pregar é um deus desconhecido”. Aí ele começou a falar de Jesus Cristo.

O que acontece é que o monoteísmo, a partir da ideia bíblica de que os judeus são um povo eleito, foi um movimento que acabou dominando o mundo, em sentido contrário a essa diversidade religiosa. Diversidade não hostil, mas de certa maneira amigável. A ideia de que Israel era o povo eleito estava intimamente ligada à ideia de que só existe um Deus, todo poderoso, e que, por conseguinte, somente existe uma religião verdadeira que é a religião outorgada ao povo de Israel por esse Deus. O Cristianismo herdou essa noção e o Islamismo também. E daí, no caso do Cristianismo e Islamismo houve o esforço missionário. Os cristãos não se consideravam um povo determinado, mas um conjunto de crentes, ou seja, que adotavam uma mesma fé, a qual deveria ser aceita por todos os povos. Eles tiveram desde o início, a começar por Paulo de Tarso, essa consciência de que deveriam converter os outros à sua religião.

Essa conversão – que de início, sobretudo no Cristianismo – tinha que ser, de acordo com o espírito de Jesus, uma conversão de fraternidade, solidariedade, de amor, acabou se tornando

uma conversão forçada e comandada pelas armas. Isso se deu pelo fato de que o Cristianismo acabou sendo adotado pelo Império Romano, a grande potência da época, que dominava toda a bacia do Mediterrâneo. E quando houve a conversão do Imperador Constantino, em 311 da Era Cristã, e quando, logo depois outros imperadores não só aceitaram a fé cristã, mas estabeleceram o Cristianismo como a religião única do Império, a conversão se tornou obrigatória. Aos poucos, a partir da Idade Média, pretendeu-se que a conversão se fizesse forçosamente pelas armas. Em 1098, o Papa Urbano II lançou a I Cruzada para reconquistar os lugares santos, que na época estavam ocupados pelos árabes, pois a partir do século VII eles também tinham estabelecido seu Império. Concomitantemente, verificaram-se os primeiros *pogroms*⁹, ou seja, o morticínio dos judeus. Isso, aliás, já estava previsto nas ordenações romanas, porque os Imperadores a partir do século IV, tendo adotado o Cristianismo como religião oficial, consideraram que os judeus eram inimigos, e todo esse conflito entre cristãos e judeus é na verdade uma falsidade histórica. É importante conhecer o livro que fez grande sucesso, o Zelota (se não conhecerem, por favor, comprem e leiam), de Reza Aslá. Ele mostra claramente que Jesus foi crucificado não porque era contra a religião judaica, mas, ao contrário, porque queria defender a terra de Deus – a Terra Santa – contra os romanos que ocupavam aquele território que era de Deus, que era de *Iahweh*, e foi assim que ele fez a sua aparição em Jerusalém, onde invadiu o templo e destruiu as mesas dos mercadores, aliás, com muita razão. Infelizmente, a Igreja acabou trocando depois em grande parte o Deus por *Mamom*¹⁰, pelo deus-dinheiro. Então aconteceu o seguinte: em 70 d.C., Jerusalém foi destruída e arrasada. Esse foi o primeiro grande genocídio contra judeus. Em Jerusalém não ficou pedra sobre pedra. Um historiador judeu romanizado dizia que quem visse Jerusalém depois da destruição dos anos 70 d.C. – ele escreveu nos anos 90 d.C. – jamais diria que aquele local poderia ter sido habitado por alguém. Pois bem, como é que o Cristianismo então pode penetrar no mundo romano, se os romanos tinham destruído uma seita judaica, como era a seita cristã? É porque os cristãos resolveram se apre-

9 Program se refere ao movimento popular de violência dirigido contra comunidades de minorias étnicas e religiosas. Mais especificamente se refere à carnificina ou massacre genocida de judeus.

10 Mamom é um termo bíblico que se refere à riqueza material, especificamente, ao dinheiro.

sentar como cidadãos obedientes ao Imperador.

Editores EM:

– *Esse tema é interessante porque é atual, são eventos do passado, mas que até hoje constatamos seus vestígios, com o Estado Islâmico por exemplo. No contexto do Estado Mundial, entendemos que no dia em que se alcançar essa condição, subsistirá uma concórdia, isso é, não haverá supressão de uma religião ou outra; não haverá guerras ou violência religiosa. Assim, esses conflitos parecem ocorrer porque existe uma divergência entre a moral e ética, como a moral de cada um e a inexistência de uma ética unificada. Nesse sentido, como o senhor vê o papel da ética nesse mundo?*

Professor Fábio Konder Comparato:

– É preciso distinguir, claramente, a ética da dogmática religiosa. As religiões monoteístas aceitaram fundamentalmente as duas Regras de Ouro. Elas são religiões que têm fundo ético altruísta, de respeito ao outro. Essas Regras de Ouro foram evoluindo no curso da história humana. Por exemplo, no campo dos direitos humanos, reconheceram-se direitos individuais, direitos econômicos e sociais, direitos dos povos, e finalmente direitos da humanidade. Pois bem, a dogmática religiosa não evoluiu, e houve historicamente conflitos que ainda permanecem dentro das religiões. Por exemplo, a religião católica, somente muito recentemente, agora com o Papa Francisco, que começa a admitir que os divorciados podem receber a comunhão.

Todas as religiões monoteístas, em princípio, sustentaram de maneira muito clara a inferioridade da mulher, porque isso fazia parte da mentalidade coletiva desses povos. E foi só com a evolução ética que acabaram tendo que corrigir essa parte da dogmática religiosa. Acho que a construção de uma sociedade política mundial tem que se fundar nessa aproximação de consciência, como vocês dizem, ou de mentalidade coletiva de todos os povos. E as religiões têm sido um obstáculo a isso, sobretudo as religiões monoteístas. Como superar isso? É preciso superar, tal como outros obstáculos de evolução ética foram superados, modificando-se a dogmática religiosa. E para isso, é preciso começar estabelecendo o diálogo ecumênico. Recomendando, vivamente, as obras do Dalai Lama. O atual Dalai Lama é uma personalidade extraordinária. Ele tem dois livros, origi-

11 DALAI LAMA XIV. Ethics for the new millennium. Uma ética para o novomilênio/Dalai Lama; tradução Maria Luiza Newlands. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. 256p.

12 DALAI LAMA XIV. Beyond Religion: Ethics for a Whole Mariner Books, 2011. 210p.

nais em inglês – e por falar nisso, quem não conhece inglês, está fora do Estado Mundial –, *Ethics for The New Millenium*¹¹ que foi best seller durante três meses do New York Times nos EUA e o *Beyond Religions, Ethics for a Whole World*¹².

Justamente o que o Dalai Lama diz é isso: se nós quisermos fundar uma ética mundial não podemos nos fundar nas religiões, cada uma em particular. É preciso, portanto, que essa ética comum às religiões, a ética do altruísmo, a ética do respeito à dignidade da pessoa humana, não seja obstaculizada pelo dogma religioso. E como podemos fazer para que isso aconteça? Estabelecendo diálogo permanente entre as religiões.

Editores EM:

– *Isso tem bastante a ver com as premissas que estudamos na Conscienciologia. Na Conscienciologia, dizemos exatamente isso, para podermos alcançar a condição do Estado Mundial, o diálogo é fundamental, mas, partindo dessa premissa de respeito ao outro, da maximização da dignidade do outro; ajudar, auxiliar o outro, a ética transformando a própria pessoa, dentro dela mesma, e nesse movimento a pessoa se torna capaz de estabelecer o diálogo com outro, colocando de lado o dogma religioso.*

Professor Fábio Konder Comparato:

– Eu acho que, nesse particular, quem pode contribuir muito nessa direção são os budistas. Como se sabe, o budismo é religião sem deus, e o Buda sempre disse que cada pessoa é o seu próprio mestre. Daí a prática da meditação diária para obter a iluminação interna. A consciência que está escondida, ou absorva no indivíduo, acaba aparecendo e compreendendo melhor aquilo que se passa dentro de cada um e o que se passa no mundo. As religiões monoteístas não dão ao indivíduo essa preeminência, pois ela é de Deus. Não sou budista, mas recomendo vivamente os escritos de Dalai Lama. E anotem outra sugestão: *A Revolução do Altruísmo*, de Matthieu Ricard¹³.

13 RICARD, Matthieu. A Revolução do Altruísmo. São Paulo: Palas Athena, 2015. 715p.

Editores EM:

– *Voltando à questão da Ética, adentrando nas questões abordadas no seu livro “A Civilização Capitalista”. O senhor coloca*

exemplos de violência na construção de novos paradigmas políticos. Nesse sentido, na conclusão do livro há três exemplos de grandes revoluções políticas que ocorreram na humanidade recentemente, quais sejam: a Revolução Gloriosa, de 1688; a Revolução Americana, de 1776; e, a Revolução Francesa, de 1789. Diante desses exemplos, depara-se com uma necessidade muito grande de se recorrer à violência na construção dessas mudanças. Por outro lado, na construção do Estado Mundial, parece que há incompatibilidade total com os conflitos armados e com a violência. Dessa maneira, como se pode interpretar uma revolução política pacifista no contexto da civilização mundial humanista, ou do próprio Estado Mundial?

Professor Fábio Konder Comparato:

– Em primeiro lugar, o próprio conceito de revolução foi muito mal-entendido a partir do século XIX. Ele se fundou justamente nas experiências americana e francesa, em Marx e com os comunistas mais ainda, pois eles desenvolveram a ideia de que a revolução é mudança súbita e radical na sociedade, em toda estrutura social. Não levaram em conta que a Revolução Americana do século XVIII começou justamente com a ida dos *pilgrims*¹⁴, no início do século XVI, da Inglaterra para os EUA. A Revolução Francesa começou no século XVI, com a reforma protestante que pôs em xeque esse domínio ideológico dos papados e bispos católicos; e a revolução científica de Copérnico, Tycho Brahe¹⁵ e outros, que pôs em primeiro plano a análise racional, depois afirmada enfaticamente por Descartes.

Não houve uma mudança súbita na sociedade. A mudança começou séculos antes dos fatos e dos episódios chamados de Revolução Americana e Revolução Francesa. Mas, como é que de fato ela começou? Não foi pela mudança da estrutura de poderes. A mudança da estrutura de poderes foi, sim, o fato revolucionário, visto separadamente do passado. Ela começou pela mudança de mentalidade ou, se quiserem, da transformação da consciência coletiva.

Portanto, o que se deve fazer em primeiro lugar, nesse processo de construção do Estado Mundial, ou da sociedade política mundial – que está em curso já – é trabalhar no sentido

14 O termo Pilgrims (“pelegrinos” em inglês), refere-se aos primeiros colonos ingleses que chegaram à América do Norte. Eram majoritariamente calvinistas e fixaram-se de início na região da Nova Inglaterra.

15 Tycho Brahe (1546-1601), era um Astrônomo dinamarquês que esteve a serviço do rei Frederico II da Dinamarca.

de se formar uma nova consciência no seio da humanidade; o que significa a partir de cada indivíduo, mas levando em conta o tipo de sociedade que nós vivemos hoje, que é a chamada sociedade de massas.

A sociedade que conheci – eu já sou da quarta idade...– não era sociedade massas, mas começava a ser. Vivi num bairro em que conhecia todas as pessoas do meu quarteirão, brincava na rua, com moleques que conhecia ou não conhecia, e a comunicação se fazia pessoalmente ou então por cartas. O correio era de importância fundamental, o carteiro era uma personalidade. Hoje a sociedade de massas é uma sociedade impessoal. Assim, esse aspecto da diferença cultural é afastado e, de certa maneira, apagado.

Gostaria agora de abrir um parêntese e dizer a vocês que o mundo futuro, que está em construção, deve se fundar na igual dignidade de todos os seres humanos; ou seja, aquilo que foi proclamado no artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Mas há um outro aspecto complementar desse, que é o direito às diferenças. As diferenças biológicas ou culturais não são desigualdades. A desigualdade é uma situação em que há superior e inferior. O diferente é perfeitamente igual ao outro em dignidade, mas tem um aspecto que o distingue do outro e que é uma riqueza que deve ser conservada. Imaginem que monotonia seria se a espécie humana não tivesse mulheres e homens, que coisa horrorosa seria se existissem só homens! Imaginem o que seria do Brasil se não houvesse essa extraordinária diversidade cultural, que é fruto de uma das grandes qualidades do Brasil, a aceitação dos estrangeiros.

Editores EM:

– *Indo para parte conceitual, o senhor não utiliza com frequência o termo Estado Mundial, prefere utilizar a terminologia da “sociedade política mundial”. Há alguma razão para isso?*

Professor Fábio Konder Comparato:

– Não que eu não use, pois são sinônimos, porém há um

capítulo em *Rumo à Justiça* em que me refiro à “sociedade política mundial”. O que é importante é saber que a noção de Estado é uma noção histórica, e que ela tem de ser respeitada como noção histórica que dá certa identidade a uma realidade política. Mas assim como existem Estados determinados – e eles foram afirmados desde a Paz de Westfália, de 1648 – nós podemos perfeitamente aceitar a ideia helvética, que foi imaginada e construída a partir do século XIII, de uma confederação de Estados. Quando os EUA se declararam independentes, eles se declararam uma confederação. Foi só depois, quando perceberam que no regime de confederação teriam muita dificuldade no comércio exterior e também na defesa militar, que eles passaram a ser uma federação. Embora *foederatio* em latim signifique união, no Brasil, federação tem uma conotação de desmembramento, porque o Império Brasileiro foi profundamente unitário e a República quis lutar contra esse desmembramento, contra esse unitarismo.

Editores EM:

– *Voltando à conclusão de “A Civilização Capitalista”, especificamente ao Estado de Direito, enquanto um dos três princípios fundamentais à existência da civilização mundial humanista. O senhor aponta o Estado de Direito como forma do exercício soberano do poder do povo. Diante dessa constatação, o que falta no paradigma atual do Direito, que seria fundamental à constituição do Estado Mundial?*

Professor Fábio Konder Comparato:

– No Estado de Direito, o plano nacional ainda deixa muito a desejar. No caso do Brasil, por exemplo, nós temos na cúpula do Poder Judiciário, o Supremo Tribunal Federal. O STF não tem nenhum poder acima dele, não é controlado nem pelo Poder Executivo nem pelo Poder Legislativo. É verdade que o Congresso Nacional pode emendar a Constituição, mas no exercício da função jurisdicional do STF, os Ministros dessa Corte não são sujeitos a nenhum controle.

Eu tenho experiência de advogado com isso, em caso de interesse nacional: a ação que intentei, em nome Conselho Federal da OAB, para que a lei de anistia não se aplicasse aos crimino-

dos do regime empresarial-militar, e faço questão de pôr os dois adjetivos. Em 2010, foi julgada improcedente. O Conselho entrou, no entanto, com um recurso, chamado de embargos de declaração, porque houve uma omissão do acórdão. O acórdão omitiu-se quanto à questão de saber se a anistia se aplicaria também aos crimes de desaparecimento forçado, o sequestro de pessoas e a ocultação de cadáver. Ora, esses são crimes permanentes, e a Lei de Anistia diz que ela só se aplica aos crimes cometidos até 15 de agosto de 1979. Pois bem, esses embargos de declaração estão com o relator do acórdão da Arguição de Descumprimento de Preceitos Fundamentais no. 153. Em 2012, ele, o relator, pediu o adiamento do julgamento, pois os embargos de declaração foram postos em pauta; e, o Plenário, por unanimidade, concedeu adiamento por uma sessão, em que dia? Em 22 de março de 2012!

Portanto, há vários anos esses embargos estão para julgar. Não contente com isso, entrei com outra Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental contra justamente esse abuso do ministro relator. Pois bem, o relator da nova ADPF, o Ministro Toffoli, não conheceu preliminarmente da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental, dizendo que ela não tinha cabimento. Entro com agravo regimental ao plenário, mas se o plenário disser que não tem cabimento, acabou. O Ministro Luiz Fux pode ficar com esse processo na gaveta quanto tempo ele quiser; ele pode se aposentar com o processo na gaveta.

Agora, no plano mundial, a falta de controle de poderes é óbvia. É óbvia porque, por exemplo, quanto ao poder militar, o único controle seria no Conselho de Segurança das Nações Unidas, mas no Conselho de Segurança existe o veto. E justamente, toda vez que o Conselho de Segurança quer decidir contra a investida militar de uma grande potência representada no Conselho de Segurança, ela veta.

E quanto aos direitos humanos, a mesma coisa em várias partes do mundo, sobretudo no Brasil, porque os tribunais nacionais não cumprem as decisões dos tribunais internacionais de direitos humanos. Exemplo: a respeito da Lei de Anistia, em

24 de novembro de 2010, ou seja, seis meses após a decisão do Supremo, a Corte Interamericana de Direitos Humanos condenou o Estado brasileiro, por unanimidade, por graves violações dos direitos humanos durante a Guerrilha do Araguaia, e disse que a decisão tomada pelo STF não tem efeito jurídico, porque ela é contrária à Convenção Interamericana de Direitos Humanos. O grande problema é o seguinte: o princípio do Estado de Direito significa que todos, absolutamente todos os titulares de poder, devem ter o exercício do poder controlado; ou seja, não se admite, de forma nenhuma, o abuso de poder, até mesmo do titular da soberania. Por exemplo, no plano nacional, o povo – quando o povo é soberano de fato, e não simplesmente de direito, como é o caso brasileiro. E por que isso? Porque uma decisão do povo em plebiscito, por exemplo, pode contrariar frontalmente direitos humanos.

Editores EM:

– Aproveitando a linha que o senhor está comentando, da soberania do povo. Como o senhor considera o sistema democrático de representação direta, ou chamado de democracia pura? No contexto de Estado Mundial é viável, é importante? Ou não, seria a democracia representativa mesmo?

Professor Fábio Konder Comparato:

– Acho que é inevitável. A soberania, como disse Rousseau, não pode ser representada; a representação da soberania é sua alienação. Mas – entendamo-nos bem – soberania não é governo, nem administração. O soberano apenas decide as questões fundamentais para sobrevivência da sociedade, ou para organização fundamental da sociedade. Assim, numa autêntica democracia a Constituição tem que ser referendada pelo povo. As emendas constitucionais precisam ser referendadas pelo povo. Como vocês sabem perfeitamente, não é o que ocorre no Brasil.

Editores EM:

– Nesse sentido, o que falta para o Direito para se conseguir uma

base mais concreta à construção do Estado Mundial?

Professor Fábio Konder Comparato:

– Pois é, falta também um avanço na mentalidade coletiva ou consciência social. Os povos têm que, cada um deles, compreender que o poder soberano deve lhes pertencer e que está sendo usurpado pelos “mal chamados” representantes. Por que “mal chamados”? Porque representantes devem cumprir a vontade do representado.

O que diz a Constituição brasileira? São manifestações da soberania popular: o referendo, o plebiscito e a iniciativa popular. Isso no artigo 14.¹⁷ Mas no artigo 49, XV¹⁸, a Constituição Federal diz: é da competência exclusiva do Congresso Nacional autorizar plebiscito e convocar referendo. Ou seja, o representante dá autorização ao representado para ele se manifestar, o que é de um ilogismo aberrante.

No plano mundial, isso exige trabalho de gerações, talvez de mais de século, para que se firmem nos povos, em primeiro lugar essa consciência de que fazem parte da humanidade, que não existem povos estrangeiros, que na verdade é como nas federações: existe um povo local, um povo regional e um povo nacional. E isso é um trabalho de educação, e essa educação tem que ser feita, fundamentalmente, pelas instituições clássicas de educação, como a escola; desde a escola primária, com a educação em direitos humanos, no respeito pelo outro, seja ele branco ou negro, estrangeiro ou não etc. Mas hoje, nas sociedades de massa, essa educação tem de ser feita pelos meios de comunicação de massa.

Ora, o que fez a oligarquia mundial capitalista? Ela passou a controlar os grandes meios de comunicação de massa. Por quê? Repito: eles são muito mais espertos e inteligentes do que nós. Eles perceberam que não bastava ter de fato o poder – pois eles dizem que não têm de direito o poder; dizem que obedecem ao Estado. Mas, na realidade, dominam o Estado. Não bastava ter o poder político, era preciso também ter o poder ideológico. Durante milênios quem exerceu o poder ideológico? Quem formou as mentalidades individual e coletiva? As religiões. A partir justamente da Idade Moderna, ou se quiserem, do outono da Idade Média, começou a cair a religião, e começou a surgir uma nova civilização, que se tornou a primeira e única

16 In verbis: Art. 14 CF/88. A soberania popular será exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual para todos, e, nos termos da lei, mediante: I - plebiscito; II - referendo; III - iniciativa popular.

17 In verbis: Art. 49 CF/88. É da competência exclusiva do Congresso Nacional: XV - autorizar referendo e convocar plebiscito; (...).

civilização mundial da história: o capitalismo. E o capitalismo percebeu claramente que precisava moldar a mentalidade coletiva, para que ela se adaptasse à estrutura de poder capitalista. E como é que ele a moldou? Pela sua longa experiência de publicidade-comercial. Os líderes capitalistas nunca se apresentam como sendo fortes, imbatíveis, mas sempre seduzem, tal qual a serpente do mito bíblico do pecado original: “Veja como é bonito, isso vai favorecê-lo. É agradável para você, você vai se sentir melhor. Use este carro, você vai passar a ser respeitado”.

Editores EM:

– *Dentro da questão do capital, quando o senhor disserta sobre a organização do poder político na civilização humanista e sobre a organização da sociedade política mundial, há constantes exemplos objetivos que possibilitariam a materialização do Estado Mundial. Embora em seus exemplos esteja claro que haveria a mudança estrutural do sistema econômico mundial, por exemplo, a subordinação do FMI, do Banco Mundial e da OMC, ao “Conselho Executivo Mundial”, conforme proposta do livro. Entretanto, como pressupor que o sistema monetário mundial poderia subsistir a uma existência pós-capitalista? Não seria a manutenção do “dinheiro” incompatível com o Estado Mundial?*

Professor Comparato:

– O dinheiro é indispensável, ninguém pode deixar de utilizá-lo. O problema é que, desde o término da 2ª Guerra Mundial, percebeu-se que as diferentes moedas nacionais representavam obstáculo à unificação da humanidade. Os EUA eram na época a grande potência mundial e os acordos de Bretton-Woods, contrariamente àquilo que foi proposto por Keynes¹⁸ e Schumacher¹⁹, estabeleceram que o dólar seria a moeda mundial, mas fundado no ouro. Em 1971, Nixon desvinculou o dólar do ouro. Assim, ficou uma moeda internacional artificial, fundada exclusivamente no poder econômico e político dos EUA.

Ora, os EUA estão hoje sentindo que esta multiplicidade de moedas torna-se um obstáculo à organização econômica mundial. Como vocês acabam de ver, a China desvalorizou duas vezes o yuan e isso teve repercussão mundial. Foi criado, nos acordos de Bretton-Woods, o Fundo Monetário Internacional (FMI), como órgão que regularia esse câmbio de moedas.

18 John Maynard Keynes (1883-1946), um dos mais influentes economistas da história, era inglês e foi um dos chefes da delegação inglesa durante a Conferência de Bretton-Woods, de onde se originou o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

19 Ernst Friedrich Schumacher (1911-1977), alemão, economista radicado na Inglaterra, foi um pupilo de J. M. Keynes.

Acontece que esse órgão é dominado pelos EUA, porque nos seus estatutos se diz que a decisão majoritária, no seio da Assembleia do Fundo Monetário Internacional, tem que ter 80% de votos, e os EUA tem participação no fundo de 16,5%. Em boa matemática, isso não dá os 80%, mas acontece que os outros países não conseguem se unir em casos decisivos contra os EUA. Então, há cinco anos propôs-se e foi votado, no conselho do FMI, o aumento das cotas dos países, sobretudo aumento da cota da China, que há cinco anos era uma das potências mundiais. A China tinha 3,8% de participação no capital do fundo e passaria a ter 6,5%, e isso foi aprovado por todos. A decisão foi ao Congresso dos EUA, e há cinco anos um senador segura esse processo e, segundo a tendência atual, não será aprovado. Então, os EUA aparecem não só como a grande potência atual do mundo, mas como uma potência suicida.

O que gostaria de dizer, finalmente, é que uma civilização não desaparece subitamente; a sua sucessora, já durante séculos, vive nas entranhas dela, da civilização que vai desaparecer. E este é o caso, penso eu, da civilização humanista. Mas como é que desaparece uma civilização? Há sem dúvida uma catástrofe que representa o colapso. No caso do capitalismo, essa catástrofe só pode ser econômica, pois o capitalismo é, espiritual e materialmente, uma civilização econômica.

Pois bem, no final do século XX nós assistimos à sucessão do capitalismo industrial pelo capitalismo financeiro. Os bancos não produzem nenhuma riqueza. A grande riqueza mundial, o crescimento da riqueza mundial ocorreu a partir da Revolução Industrial, que foi em meados do século XVIII. Hoje, a indústria, no campo do produto bruto mundial está caindo cada vez mais; estão subindo os ativos financeiros.

No Brasil, estamos sofrendo o mesmo efeito da dominação do capitalismo financeiro. De 1930 até meados de 1970 – época do “milagre econômico” do tal Ministro da Fazenda do governo militar cujo nome não pronuncio –, o Brasil foi um dos países que mais cresceu no mundo, devido à industrialização, iniciada por Getúlio, e relançada pelo Juscelino Kubitschek. Há 20 anos, a parte da indústria no produto bruto interno era de 36%. Hoje é menos da metade (13%); e, é isso o que está por trás dessa chamada crise econômica atual, pois não há pro-

dução.

No plano mundial, um livro recente de François Morin²⁰ mostra o seguinte: existem hoje atuando no mundo, 28 bancos internacionais que dominam os mercados de câmbio, de valores mobiliários e de mercadorias. Pois bem, 14 desses bancos, ou seja, metade, produziram novamente os chamados produtos derivativos, que são papéis financeiros, valores mobiliários, cujo lastro não é uma riqueza material – bens imobiliários, dinheiro em banco, por exemplo. Não, o lastro é formado por outros valores, que por sua vez têm também lastro fundado em outros valores e assim vai. De modo que basta que um setor – e são múltiplos os setores abarcados por esses valores mobiliários, por exemplo, o mercado imobiliário, como ocorreu nos EUA com a crise das *subprime lending*, em 2007 e 2008 – caia para que tudo venha abaixo como um castelo de cartas. Sabe qual o valor global dos produtos derivativos vendidos por esses 14 bancos internacionais no mercado mundial? É a “módica” quantia de 710 trilhões de dólares; ou seja, dez vezes o produto bruto mundial anual! Ora, isso é uma falsa riqueza. Finalizando, o capitalismo está – não tenho a menor dúvida, e adoto inteiramente a previsão desse autor francês – na véspera de um colapso mundial. E isso é absolutamente incompatível em um cenário de Estado Mundial, porque moeda, crédito e valores mobiliários, tudo tem que ser controlado por autoridades políticas.

20 MORIN, François. *L'hydre mondiale – l'oligopole bancaire. Lettres libres*. Lux Quebec, 2015. 168p.